

# PROSAS

## PROJETO SÉNIOR DE ARTES E SABERES DE SINES

Jornal didático e informativo sobre atividades do PROSAS | Número 5 | 1º Trimestre 2012/2013 | Edição: PROSAS | Impressão: Câmara Municipal de Sines

### Visita a Arraiolos e Évora Monte



Entrevista a D<sup>a</sup> Bárbara,  
D<sup>a</sup> Odília e D<sup>a</sup> Carolina Palminha



Olhar sobre o Douro



Atividades do PROSAS



## Editorial



Já nos encontramos nas novas instalações. Como esperávamos, o espaço é exíguo e com consternação verificamos o desconforto dos nossos utentes esperando pelas aulas na entrada comum do edifício. Foi com muito empenho e «engenho» que uma pequena brigada arrumou, decorou o novo espaço, trabalho que demorou 2 meses a concretizar. Já cá estamos e só temos de continuar a ter esperança e a trabalhar para que um dia seja possível ter instalações condignas. Este trabalho tem de ser de todos, nada aparece feito e se todos colaborarmos a tarefa dos voluntários é mais fácil. Conto com todos (as). Para terminar lamento não ter conseguido editar o jornal do 3º Trimestre de 2011/2012, mas todo o outro trabalho não me permitiu.

Assunção Duque

## Ficha Técnica

### Diretora

Amélia da Assunção Baptista Duque

### Editora

Rita Elías

### Colaboradores

Ana Sofia  
Assunção Duque  
Carolina Palminha  
Dulce Gomes  
Judite Simeão  
Maria Graciete Cabrita  
Maria Teresa Palmeira  
Rita Elías  
Victor Mendonça

### Fotografia

Alunos e professores da PROSAS  
Amigos  
Câmara Municipal de Sines

### Apoio e Impressão

Câmara Municipal de Sines

**Associação PROSAS,**  
Projecto Sénior de Artes de Sines  
Bairro 1º de Maio, Fração B, Bloco  
C2,117A  
7520-124 Sines  
www.prosas.org.pt  
associacaoprosas@gmail.com  
Telefone 269 085 570  
NIF 509 067 336  
Universidade Sénior certificada pela  
RUTIS, Rede das Universidades da  
Terceira Idade

# Atividades

Com o objetivo de aproximar as alunas das TIC no Paiol e no Porto Covo com as da sede, apresentámos naquelas localidades duas peças de teatro. Antes da apresentação da peça no Paiol comemos uma deliciosa galinha do campo (cabidela ou com pimentos) que o Café Catarino nos preparou.

### No Paiol



Os atores.



A assistência.

### No Porto Covo



### Convívio com os (as) alunos (as) da Universidade Sénior de Odemira.



No dia 27 de janeiro recebemos a visita dos nossos colegas de Odemira. Depois de passearmos pela zona histórica da nossa cidade, fomos almoçar ao restaurante do Parque de Campismo e depois passámos a tarde a cantar, dançar, enfim, convivemos! No final da tarde lá nos despedimos com a promessa que nos encontraríamos numa próxima oportunidade.



O Carnaval foi muito divertido. Todos se mascararam e ficaram irreconhecíveis .



Assembleia Geral em março que aprovou as nossas contas de 2011.



XI Encontro Nacional das UTIS em Torres Vedras.



# Visita a Arraiolos e a Évora Monte



O grupo com o «nosso padrinho» que nos mostrou a zona histórica de Torres Vedras.



A «reitora» emocionada desfilando com a nossa bandeira.



No dia 11 de maio, os colegas da Universidade Sénior de Loulé vieram visitar-nos, almoçámos juntos e, depois, assistimos no CAS à representação do Auto das Rosas de Santa Maria.



No dia 21 de março comemoramos a primavera e o dia da Poesia.

As alunas foram ver como se fazem os tapetes de Arraiolos, visitaram o centro histórico e de caminho visitaram Évora Monte. Claro que não foram só as alunas!



Viagem ao Planalto Mirandês. Em maio lá fomos a caminho das terras de Miranda e do Douro Internacional.



Teatro.

# Entrevista

# D<sup>a</sup> Bárbara e D<sup>a</sup> Odília

**PROSAS** - Olá, bom dia. Vou pedir que se apresentem uma a uma.

**Maria Bárbara** - Bom dia. Prazer em conhecê-la. Eu sou Maria Bárbara. Ando na escola com esta professora, para ver se aprendo alguma coisa. Porque até à data não aprendi nada, infelizmente, devido à vida que tive e pronto. Não tenho mais nada a dizer.

**Odília** - Bom dia. Eu sou Maria Odília. Também não sou daqui mas também estou cá há muitos anos. Não sabia ler e é o maior desgosto que existe hoje é não saber ler e então como tive esta oportunidade... pensei vir aprender a ver se me ensinavam ainda alguma coisa. Sou ainda nova. Tenho 83 anos. Ainda tenho muito tempo para aprender.

**PROSAS** - Tem muito mesmo.

**Maria Bárbara** - E eu com 81 também....

**Odília** - Somos muitos jovens.

**PROSAS** - É sempre tempo para aprender. E então, digam-me lá como é que surgiu a ideia de virem aprender a ler?

**Maria Bárbara** - A ideia foi minha. Inscrever-me para as pinturas. E depois disse à Dra. Assunção: "Eu venho-me inscrever para as pinturas, mas um dos meus sonhos era aprender a ler. Porque sempre tive esse grande sonho, esse grande desejo. Uma coisa que eu gostava muito de ter feito e que até está numa revista tudo isto que eu disse. Ter feito...ter feito, era ter escrito uma carta à minha mãe, mas não me foi possível... gostava muito de...já que não lhe dizia de cara a cara aquilo que sentia, aquilo que queria, gostava de ter escrito mas não me foi possível.

**Odília** - Eu vim saber se também davam escola assim aos idosos. E ela (Dra. Assunção): "Já me vieram falar disso aqui e vamos tratar disso". E então trataram disso. Começámos a vir umas quantas, mas só a gente é que ficou.

**Maria Bárbara** - Sim! Só ficámos nós as duas.

**PROSAS** - D<sup>a</sup> Bárbara, o que é que gostaria de escrever na carta?

**Maria Bárbara** - Se eu agora pudesse escrever, dizia à minha mãe que me deu tudo o que ela pode e o que não pode...só que tive muito desgosto de não me ter mandado à escola...é que somos 10... erámos 10 filhos. Infelizmente, já não estão cá todos. Eu era a mais velha e como tal, não tive possibilidades de ir para a escola.

**PROSAS** - Quer dizer então, que é preciso querer aprender?

**Odília** - Sim. Eu sou uma pessoa assim, aquilo que penso em fazer eu consigo...até à data.

**Maria Bárbara** - Olhe que eu estou a trabalhar numa coisa muito difícil... Pouca gente, consegue com a minha idade... A fazer renda de bilros! Nem toda a gente. Mas eu pensei que havia de conseguir e consegui, graças a Deus.

**PROSAS** - Assim é que é. Mulheres de coragem. Mulheres persistentes.

**Maria Bárbara** - (risos)

**Odília** - Eu também sou assim. O que penso em fazer, faço. Já não tenho muita paciência...

**PROSAS** - E você D<sup>a</sup> Odília... o que fazia antes... porque é que decidiu vir aprender... não chegou a ir à escola?

**Odília** - Não cheguei a ir à escola quando era nova.

**PROSAS** - Tinha uma família muito grande?

**Odília** - Não. Eu morava no campo. Depois quando vim para a vila, casei-me. Tinha a filha... era o marido, era o mar, aquela vida que a gente



2 de outubro de 2012

nunca tem vagar para nada, e nem tem horas certas para nada... para abalar de casa. E passou-se... aquilo... e agora como fiquei viúva. Estou sozinha. Tenho todo o tempo.

**PROSAS** - É uma ocupação para si?

**Odília** - É uma ocupação para mim. Estou ali.

Tenho sempre coisas em casa. Uma rendinha ou outras coisinhas. Vou sempre fazendo qualquer coisa, que eu não posso estar parada.

**PROSAS** - Já tinham feito outras tentativas para aprender a ler ou esta é a primeira vez que o fazem?

**Odília** - Eu já tentei uma quantas vezes. Quando foi da Câmara... fez aí... aquilo não era nada. Entrava uma, entrava outra, voltava-se a ensinar o mesmo. Era um método com umas fichas e com uns números que as pessoas em 48 dias aprendiam a ler. Só que a professora só falava em política e não chegamos a aprender. Ainda tenho lá o livro. É mais uma tentativa que se faz.

**Maria Bárbara** - Não. Só agora. Mais nada.

Nunca tinha entrado num sítio onde fizesse pelo menos o meu nome.

**PROSAS** - Tem alguma meta a atingir este ano?

**Odília** - Este ano já quero ver...este ano já fico lendo, se Deus quiser...se não houver nada contra. Eu para mim, o pior de tudo é as letras dos livros que são muito miudinhas. Pegar num livro e não saber ler. Pronto, o meu desgosto tem sido esse. Mas já vou indo. É uma novidade.

**PROSAS** - Sei que estiveram de férias. Sentiram necessidade de se juntar nas férias?

**Maria Bárbara** - Sim, porque somos donas de casa. Eu tenho uma casa enorme. Não tenho ninguém que me faça nada. Eu é que tenho fazer de tudo. Aquelas limpezas grandes do ano. Despejei os roupeiros todos. Para afastar o móveis sozinha, tive que tirar tudo cá para fora. Nem queira saber.

**PROSAS** - A D<sup>a</sup> Barbara não consegue estar parada.

**Odília** - É bilros, pintura, piscina...Eu não sei onde é que vai tirar esta energia toda...E então quando conta a história da vida dela toda.

**Maria Bárbara** - A minha vida dava uma história muito grande. Mas olhe era uma história triste. Não valia a pena. Eu para contar a minha história, tinha que ser uma história toda triste. Portanto não vale a pena.

**PROSAS** - É preciso ter-se um espírito jovem e aberto?

**Maria Bárbara** - Eu sei que já vou fazer 82 anos, mas de espírito não me sinto velha ainda.

**Odília** - Há muitas de 40 que são umas velhas. As pessoas põem-se esmurecidas, esmurecidas e ainda pior.

**Maria Bárbara** - E já não lhes apetece fazer nada e depois põem-se aqui e pronto!

**PROSAS** - Se conhecessem alguém que não soubesse ler, o que que é que lhes diziam.

**Maria Bárbara** - Nós já o fizemos. Aquelas que não sabem ler, dizem: "Ai agora já não vale a pena. Algumas pensam que já não estão capazes".

**Odília** - Pessoas muito mais novas que nós, dizem: "Ai já não vale a pena. Quem é que quer aprender a ler agora". Muitas delas vão para um café e ficam lá a tarde inteira.

**PROSAS** - Que mensagem deixam para os nossos leitores.

**Maria Bárbara** - Ai! que larguem tudo e que venham aprender qualquer coisa. Ponham tudo para trás e venham aprender uma coisa qualquer que lhes dê na cabeça fazer... umas pinturas, uma... olha sei lá... não sei o que... tanta coisa...

**Odília** - Pois. Há tanta coisa para aprender. Basta quererem.

**PROSAS** - Obrigada.



# Entrevista

2 de outubro de 2012

# D<sup>a</sup> Carolina Palminha

**PROSAS** - Olá, bom dia. Vou começar por lhe perguntar o seu nome?

**Carolina** - Portanto, Eu sou Carolina Palminha. Sou Professora Aposentada e para além de ser voluntária... ensinar estas senhoras...tentar ensinar estas duas senhoras a ler... também frequento aulas aqui. O inglês e o castelhano.

**PROSAS** - É sempre tempo para aprender!

**Carolina** - Sim, com muita vontade, principalmente elas. É por isso que elas estão aprendendo, porque têm muita vontade de aprender.

**PROSAS** - De quem partiu a ideia?

**Carolina** - A ideia partiu delas, que elas é que queriam aprender.

**PROSAS** - Então é preciso só querer?

**Carolina** - É preciso força de vontade também. É preciso ver isso.

**PROSAS** - Há quanto tempo é que estas senhoras estão a aprender a ler?

**Carolina** - Estas senhoras andam na escola à dois anos. O primeiro ano, elas andaram com a minha colega Amélia... Amélia Camisa. Porque ela morava ali por cima da escola. Ali onde a escola era antes e a D<sup>a</sup> Assunção foi falar com ela e ela prontificou-se.

**PROSAS** - Qual a frequência das aulas?

**Carolina** - É uma hora por semana. Andámos este ano e o outro ano. Se formos a ver com uma vez por semana, elas são para aí umas 30 aulas por ano, se tanto. É um mês, comparado com os outros miúdos por exemplo que estão no dia-a-dia, muito fazem elas.

**PROSAS** - Como surgiu o convite para vir dar aulas a estas senhoras?

**Carolina** - A D<sup>a</sup> Amélia, por motivos de saúde do marido, penso eu, desistiu. A D<sup>a</sup> Assunção perguntou se eu estaria interessada e eu como fui sempre professora e gostei de ensinar, pensei eu: "Deixa lá ir experimentar isto". A seguir ao 25 de Abril, houveram muitas campanhas de alfabetização, mas aquilo era tudo muito armado um bocadinho no ar.

**PROSAS** - Então quer dizer que não as iniciou?

**Carolina** - Não. Eu direi, que a minha colega Amélia desbravou o terreno e pôs a semente e fê-lo muito bem. Porque elas têm uma letrinha impecável, são muito aplicadas, muito organizadas.

**PROSAS** - Que meta se pretende atingir este ano?

**Carolina** - Uma das nossas metas é escrever uma carta. É a tarefa deste ano. Eu digo às minhas alunas que é: "elas já não vão escrever, se calhar cartas de amor, mas nunca se sabe. Mas pelo menos uma carta para uma mãe, temos de escrever".

**PROSAS** - Introduziu algum método de ensino para ser mais fácil a aprendizagem?

**Carolina** - Sim. Eu introduzi com estas senhoras um método que só o utilizei uma vez na escola primária com os miúdos que é o chamado método das 28 palavras para a aprendizagem da leitura e que me parece que é muito importante, talvez mais nestas idades porque em vez de partir do tradicional "p + a = pa; t + a = ta = pata", parte de uma palavra. A primeira palavra que introduzi foi "Menina". E portanto eu acho que elas

desenvolveram um bocadinho por causa deste método. Digamos que depois pus o adubo e reguei a terra. Porque a minha colega Amélia fez um belo serviço. Não as recebi do zero. Se não fosse a D<sup>a</sup> Amélia, não estavam no estado em que estão hoje. Estão um pouco mais adiantadas. Eu tinha que partir do princípio mesmo, assim já as apanhei assim. E pronto, acho que elas estão a desenvolver bem.

**PROSAS** - O que considera mais prioritário na aprendizagem? A leitura ou a escrita?

**Carolina** - Eu, dou prioridade á leitura. Porque o que elas querem é entrar, dizem elas, num supermercado e saberem na caixa o que lá está. Portanto, não é tanto desenvolver a escrita, embora também tenhamos de trabalhar nisso, mas neste primeiro ano, foi mais a leitura. Quando a leitura está adquirida é que passamos á escrita.

**PROSAS** - Sei que estiveram de férias. Acha que condicionou a aprendizagem?

**Carolina** - Eu achei que as férias eram grandes demais, porque se formos a ver, eram para aí 4 meses e então, foram para a minha casa, dois meses ainda, uma vez por semana. Só ficaram um mês de férias, porque elas quiseram. Mas nesses mezinhos, foram todas as segundas-feiras, porque senão esqueciam-se.

**PROSAS** - Qual o balanço que faz da aprendizagem?

**Carolina** - Já lêem pequenas frases. Não podem ainda pegar no livro e começar a ler, como elas queriam, rápido como eu, dizem elas às vezes. No livro que compraram já se fartam de ler.

Estão a desenvolver muito bem. Agora vamos lá a ver este ano. Depois lêem a frase e não acreditam que estão lendo. Elas não lêem uma frase na afirmativa: "O menino come o peixe". Não! Elas dizem assim: "O menino, come o peixe! O menino come o peixe? (risos) Como quem diz: Ó diabo! Será que eu li mesmo isto? Será que já lá vou? Têm também o problema das letras serem miúdas. As letras que eu faço no computador, faço bem em letras já grandes, mas às vezes os livros têm letras miúdas. Há pessoas que começam a fixar no livro e as lágrimas a correr.

**PROSAS** - Que mensagem deixa para os nossos leitores.

**Carolina** - Nunca é tarde para aprender. Nas universidades seniores é assim. Muita gente não sabe o que é. Uns não vêm porque dizem assim: "Ah! Ainda tenho muito que fazer. Eu para lá, para quê? Ainda tenho muita ocupação". Porque pensam que isto é lar de 3<sup>a</sup> idade que a pessoa vem para aqui para estar sossegada... Outras que acham que é tão difícil, tão difícil que não conseguem chegar lá. Por mais que eu diga: "Oh senhores, aquilo é uma hora por semana. Aquilo não é uma obrigação. Você não é obrigada a estudar em casa. Se não quiser não estuda. É uma ocupação. Não entendem. Mas agora vão vindo mais pessoas. Cada vez vão vindo mais pessoas. A Universidade está bem situada e dá vida ao bairro.

**PROSAS** - Obrigada.



## Carolinices

O Sr. Mário!

Lá estava ele. Sentado num banco, na avenida da praia, conversava com um imaginário interlocutor. Não ouvi o que dizia, mas isso também não importa, porque sei que o que ele diz não faz muito sentido para as nossas "cabeças lúcidas".

O Sr. Mário imagina-se um elétrico (desses que circulam nas ruas de Lisboa) e calcorreia todos os dias Kms e Kms num ininterrupto "para-arranca" solitário. Não fala com ninguém e ninguém fala com ele!

Aqui há uns tempos atrás, ele parava para falar comigo, e chamava-me "madrinha da amizade", agradecendo a atenção que eu lhe dava: -SOU UM EXCLUÍDO DA SOCIEDADE- repete ele com muita frequência.

Numa dessas tardes, o Sr. Mário (mais elétrico do que nunca) disse-me: - Olhe minha senhora, eu até a levava, mas na verdade não posso porque tenho a lotação esgotada... Respondi: Obrigada, mas eu preciso mesmo é de andar a pé!

E lá seguimos, eu caminhando para um lado, e ele deslizando nos seus carris imaginários, para o outro. Então, a minha "lúcida cabeça" ficou a pensar: E se ele não tivesse a lotação esgotada, como é que eu iria recusar tão amável convite sem o ofender? É, Sr. Mário!

Talvez que o senhor se imagine um elétrico, para poder fingir que a sua "lotação esgotada" é afinal um numeroso e solidário grupo de Amigos. Não me ofereça boleia, por favor, mas pode contar sempre com o meu "BOM-DIA, COMO ESTÁ?"

Carolina Palminha

# Retalhos de existência (O meu pai)

Revisitar os retalhos da vida do meu pai é como trazer para o presente, pedacinhos vivos da sua/nossa existência, que continuam prontos para ser reciclados de modo a aproveitá-los para receber deles verdadeiras lições de amor sempre atuais e das quais não me quero despegar, muito menos esquecer.

O meu pai foi fumador desde os seus tempos de criança. Durante toda a sua vida foram várias as tentativas para deixar esse vício e todas elas saíram infrutíferas.

Decorria o ano de 2007 quando ele foi vítima duma paragem cardíaca que o obrigou ao uso dum pacemaker. Saiu do hospital com a advertência sobre o uso do tabaco e a sua proibição. Durante uns tempos conseguiu privar-se, mas aos poucos e conforme se ia restabelecendo, recomeçou a fumar à socapa até que um ano depois foi surpreendido por mais um incidente que o levou ao coma. Mas Deus quis dar-lhe mais uma oportunidade e ele, contra todos os prognósticos recuperou e veio para casa.

Todos, incluindo ele, sabíamos que se voltasse a fumar estaria a assinar a sua sentença de morte e se não fosse capaz de se agarrar à vida, mudando os seus hábitos, poderia não resistir.

A minha sobrinha Ana Lúcia, que nunca conheceu os avós paternos e a quem a vida já levou o pai e a avó materna, foi a sua casa e surpreendeu-o desta forma:

“Olha “Joquenito”, se não quiseres parar de fumar por ti, fá-lo por mim tua neta pensa que eu já perdi o meu pai, a avó e não me apetece nem está nos meus planos perder-te também a ti. És o único avô que me resta e se não parares de fumar perco-te também e eu não quero de forma alguma, perder-te”.

Surpreso com esta atitude da neta, o meu pai ficou sem capacidade de resposta. Acabaram os dois num afetuoso abraço e entre lágrimas.

A partir desse dia, o nosso “Joquenito”



nunca mais fumou e depois de refeito deste embate confessava que nunca pensou que a neta fosse capaz de lhe falar daquela forma.

Falar-lhe daquela forma foi o “tratamento de choque”, como lhe viria a chamar a minha sobrinha, que o levou a superar um vício que até então não tinha conseguido erradicar. Conseguiu-o por se sentir extremamente amado pela neta, o que o levou a superar-se e a retribuir com o mesmo amor que recebeu.

Olhando-os, dei por mim a reflectir que

se o amor não saísse vencedor, esta foto não existiria.

Louvo por estes pedacinhos de existência que Deus nos proporciona: são eles o oxigénio que nos fazem respirar e acreditar que vale a pena investir e preservar os valores familiares - tantas vezes rotulados fora de moda - e deixar que as nossas ações e gestos diários sejam movidos por eles.

*Dulce Gomes*

# Olhar sobre o Douro



*A Pátria não é a terra; não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a bonina: são-no os afetos que esses objetos nos recordam na história da vida...*  
(Alexandre Herculano, in *O pároco da aldeia*)

Quem percorre terras de Mogadouro acima, em se aproximando a Miranda do Douro, logo vai descortinando o majestoso e fascinante "Canon" que as convulsivas águas do rio Douro, pacientemente, foram cavando, na dureza granítica, desde há milhões de anos até esta parte. A paisagem é de uma beleza fascinante. Espraiar a vista, bem do alto, através dos caprichosos meandros que as águas, lá bem fundo, vão cavando, é de louvar a Deus e inebria a alma. É único e, visto de baixo para cima, o talvegue é de estarrecer. Mas não há beleza sem senão. Nos lugarejos, nas aldeias, nas vilas e nas cidades do excelso planalto transmontano, apodera-se do visitante uma amarga e íntima convicção, quando verifica que parte das tradições populares de raiz e a identidade cultural foram adulteradas ou mesmo destruídas por acontecimentos económicos e sociais que incisivamente atuaram e atuam sobre a produção e a diversidade cultural. Emigração, abandono e troca das velhas artes pelos novos ofícios (quando os há), decadência ou, em

determinados casos, com o desaparecimento do conceito de aldeia como universo autónomo e quase auto-suficiente em produção de matéria-prima de equipamentos, objetos, alimentos, etc. O êxodo rural do estrato social jovem aniquilou parte da energia da região, resultando numa diluição de identidade urbanística de certas localidades mais duramente atingidas por fenómenos de estagnação económica a que, estranhamente se associam perspectivas de "desenvolvimento urbano" desinseridas de uma herança ancestral que, a pressão da mudança, estimula a rejeitar. O visitante depois de muito andar e observar começa a ter consciência de que a cultura se *esvazia* rapidamente um pouco por toda a parte. O betão, o asfalto, o alumínio anodizado, os *mass média* preceituosos, a ausência de um efetivo progresso, a que a cultura e não os lucros, a que a história e não a ambição, a que o avanço da ciência e da técnica, e não a subordinação tecnológica, possam dar sentido. Quando chegados aos povoados e se

pergunta pela usança, pelo artesão, logo a resposta surge melancólica. Isso acabou, morreram, ninguém sabe, ninguém faz, abalaram para fora! E que verificamos hoje em dia? Populações adaptadas ao conformismo, de reflexão estéril, absorvendo telenovelas impostas, programas absurdos televisivos que nada beneficia o seu modo de vida, o cantar e dançar é o que ouvem e vêem na TV. Indiferentes à destruição ambiental, aceitam a arquitetura estrambótica, desenquadrada e agressora, copiam achavascada identidade, as tascas são hoje legítimos cafés, esquecidos da sua herança cultural, sequiosos da pseudomodernidade emprestada ou copiada. Vezes sem conta, falando afrancesadamente mal, metendo de quando em quando, em conversa, um "voilà" vão-se alimentando não a partir das raízes e da seiva que os fez POVO, mas de uma abstenção cultural de subprodutos empacotados. E porquê? Indiferença ou aculturação das entidades, esquecimento nosso ou desamor?

Vítor Mendonça



## Encerramento do Ano Escolar.



O Discurso da Presidente.



Momento cultural.



Medalhas para quem mereceu.



Alunos apresentando o fruto do seu trabalho durante o ano lectivo que terminou.



Tuna.

Em maio fomos ao São Carlos à Ópera.

## O Amor

Efémera felicidade  
Que não chega a ser verdade  
Crepúsculo d'um alvorecer  
Nem nunca o poderá ser

Luar d'uma noite escura  
Tapada de nuvens espessas  
Que, ao rasgar-se uma abertura  
Deixa delicias submersas

Enganadoras fatais  
Enganadoras perigosas  
Em um momento se vislumbram  
Lindas rosas venenosas

Esse perfume suave  
Esse sol que resplandece  
Que dá luz até aos cegos  
Tão cedo desaparece

E depois o que é que fica  
Solidão sabor a fel...  
O que era tudo luz  
O que só sabia a mel

Judite

## Na sombra da vida

Escondi-me na sombra do tempo  
Mas a sombra não me quis ocultar  
Desviei-me da vida por um momento  
Sem que soubesse onde queria parar

Parei no tempo da minha vontade  
Ignorei uma grande parte da solidão  
Fechada no tempo deixei a saudade  
Não sendo porém a melhor solução

Desenvolta quis que o sol brilhasse  
E que um pedaço dele se soltasse  
Para dar mais luz aos sonhos meus

Mas na sombra da noite eu adormeci  
E do tempo da vida a noção perdi  
Despertando na sombra vinda de Deus

Maria Teresa Palmeira  
1º Prémio de poesia nos  
Jogos Florais de Setúbal

## Rendição

O meu mundo...  
é feito de páginas amarfanhadas pela  
rendição  
Tão amachucadas como os anseios  
Sonhos e desejos  
Escritos pela minha mão...  
São como velas em riste  
Onde me aventuro a esperar  
O toque do vento que insiste  
Em não me querer manobrar...  
Mas eu quero!  
E neste tanto querer  
Hasteio a bandeira da esperança  
Num agitar quase dolente  
E ainda que o meu barco não ande  
A minha alma sente-se guiada  
E empurrada, segue em frente...

Sines, 1 de Outubro de 2011  
Dulce Gomes

## A minha vida no Prosas

I

Por uma amiga minha  
Fui aconselhada um dia  
A inscrever-me no Prosas  
Que o fiz com muita alegria.

II

Poucas pessoas conhecia  
E assim me fui habituando  
Gostei muito da experiência  
E cá vou continuando.

III

Primeiro ano foi difícil  
Para informática entrei  
Para uma coisa estranha  
Façam ideia o que passei.

IV

Tive um grande professor  
E vejam no que me fui meter  
Com a paciência deste senhor  
Eu consegui aprender.

V

Entre também na tuna  
Pois gosto muito de cantar  
Já canto há dezoito anos  
E agora ao Prosas vim parar.

VI

Não conhecia os colegas  
E o professor também não  
Achei um bom ambiente  
E três anos já lá vão.

VII

O professor é muito calmo  
E nós por vezes alto a falar  
Para não melindrar ninguém  
Fica no seu ensaiar.

VIII

Com problemas nos meus olhos  
De disciplina eu mudei  
Inscrevi-me em literatura  
E para já continuarei.

IX

No princípio não me agradou  
E parei para pensar  
Mas a simpatia da professora  
Não me fez recusar.

Para terminar os meus votos  
De boas férias para todos

Maria Graciete Cabrita

